



Gabriela de Melo Linaus

História Local em Sala de Aula: experiências na Baixada Fluminense

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Luciana Borgerth Vial Corrêa

Rio de Janeiro, RJ
Dezembro de 2019

Dedico este trabalho à memória do meu avô Antônio de Melo. Gostaria que pudesse me ver formada na universidade, em que dedicou 40 anos da sua vida. Sei que tudo isso só foi possível porque Deus é bom. A luta sempre continua, companheiro.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, Ana, Mário, João, Joana e Maria, por todo o apoio, não somente motivacional, mas também nos momentos ao longo destes quatro anos em que sem a ajuda dos mesmos, não seria capaz de continuar.

Aos meus amigos, tanto os da infância que continuam ao meu lado, me incentivando, mesmo entre as dificuldades da vida, quanto aos amigos que pude conhecer nesta universidade, que tornaram-se um porto seguro tão longe de casa.

À Luciana Borgerth, minha professora orientadora, por quem tenho imensa admiração. Agradeço por toda a paciência e tempo dedicado para que fosse possível à elaboração deste trabalho.

Agradeço à todos que me ajudaram de alguma forma nesse trajeto e também à todos aqueles que me proferiram palavras negativas, pois acredito que também foram importantes para que pudesse sair da minha zona de conforto e encarar essa jornada.

À equipe do CEPEMHed, em especial à Márcia Spadetti por ter me recebido sempre de forma tão solícita.

Por fim, agradeço à PUC-Rio e em especial à Vice-Reitoria Comunitária por ter concedido a bolsa integral, e ao FESP por ter possibilitado a minha permanência na universidade.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as relações que podem ser construídas entre o ensino em sala de aula e as contribuições da História Local. É através da proposta do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias, que podemos compreender como esse trabalho pode ser realizado na prática. Essa experiência traz diversas contribuições que nos ajudam a pensar sobre questões que podem ser aplicadas no ensino de História. Para fundamentar as análises realizadas nesta pesquisa foi utilizada uma bibliografia pautada no estudo de Memória, Patrimônio, Educação e Identidade.

Palavras-chave: História Local; Memória; Educação; Duque de Caxias.

Abstract

This paper aims to present the relations that can be built between classroom teaching and the contributions of Local History. It is through the proposal of the Research Center, Memory and History of Education of the City of Duque de Caxias, that we can understand how this work can be done in practice. This experience brings several contributions that help us think about issues that can be applied in teaching history. To support the analyzes performed in this research, a bibliography based on the study of Memory, Heritage, Education and Identity was used.

Key-Word: Local History; Memory; Education; Duque de Caxias.

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEPEMHed - Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias

EJA - Ensino de Jovens e Adultos

IEGRS - Instituto de Educação Governador Roberto Silveira

PIB - Produto Interno Bruto

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEPE - Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação

SME - Secretaria Municipal de Educação

Lista de Imagens

Figura 1 - Entrevista com Diva Baptista.

Figura 2 - Roda de Memória com as primeira professoras concursadas. E.M. Tabuleiro.

Figura 3 - Oficina de conservação E.M. Santa Luzia.

Figura 4 - Núcleo de Memória E.M. Jayme Fichman.

Figura 5 - Panfleto de divulgação do Curso 2019.

Figura 6 - Cartão com os alunos da E.M Bom Retiro.

Figura 7 - Cartão com os membros o Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade durante a construção da Escola Municipal Vila Operária.

Sumário

Introdução.....	8
1. Questões de Identidade e Memória no Ensino de História Local.....	10
1.1. Memória e Identidade.....	11
1.2. Memória e Lugares de Memória.....	13
1.3. Questões de Patrimônio: "Nunca vi, eu só ouço falar".....	15
2. Olhares para a Baixada Fluminense.....	19
3. Resgatando Memórias - O trabalho do CEPEMHed.....	23
3.1. Núcleo de Memória.....	26
3.2. Curso Escola.Lugar de Memória, Pesquisa e Experiências em Educação Patrimonial.....	30
3.3. Memórias em Cartão, Educação em Duque de Caxias.....	31
Considerações Finais.....	34
Referências.....	36
Anexo.....	38

Introdução

As construções sociais que perpassam nosso imaginário, surgem conforme nos desenvolvemos, com o nosso contato com o mundo exterior e em grande parte com o nosso contexto escolar. Em relação ao ensino de História é ainda mais evidente que a formação do nosso senso crítico está em questão, quando passamos a analisar as conjunturas históricas em sala de aula.

“Deixa eu te contar
A história que a história não conta”

Em 2019 a Estação Primeira de Mangueira, escola de samba tradicional do Rio de Janeiro, teceu uma crítica à História Oficial que é questionável, mesmo sendo um samba de beleza indiscutível. Esse trecho trata-se de uma afirmação problemática, pois na academia já existem pesquisas e debates que buscam remontar a Historiografia clássica sobre os mais diversos temas, inclusive a história vista de baixo. A questão é que levar essas novas perspectivas para dentro de sala de aula, inicialmente se mostrou um desafio por conta da estrutura escolar rígida e já estabelecida com os temas canônicos.

Mas, mesmo assim, professores e grupos de militantes da História e da Educação passaram a entender, questionar e se mobilizar para levar essas novas visões para dentro de sala de aula, ainda em pequena escala, o que faz com o que o samba faça sentido, de certa maneira. Esse panorama, no entanto, vem se transformando com a luta de profissionais que entendem a importância de levar para a sala de aula as trajetórias de agentes sociais invisibilizados.

Tendo em vista a importância do ensino de história na formação do indivíduo, destacamos a perspectiva da história local que, oferece sentido a vários questionamentos a respeito da identificação do aluno com seu bairro, município e com sua própria escola, permitindo que ele se entenda como parte de um todo. Assim é fundamental atentar a pesquisa sobre os caminhos que vem sido trilhados

pelos professores e historiadores que pensam a história da educação, a memória e o patrimônio.

Para entender como, na prática, a Educação, a Memória e a Pesquisa podem estar relacionadas com um objetivo em comum, será apresentada a perspectiva do CEPEMHed - Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação, uma instituição que faz parte da rede municipal de Duque de Caxias e que se propõe a incentivar a pesquisa sobre a História da Educação na cidade em questão, a preservação dessas memórias e a propagação das mesmas.

Nesse sentido, o seguinte trabalho de monografia visa aprofundamento nos projetos que vinculam a pesquisa, a escola e os resultados dessa proposta, com base nas pesquisas documentais desse órgão, legislação, e outros. Além das entrevistas realizadas com as coordenadoras, que estão em anexo.

1 Questões de Identidade e Memória no Ensino de História Local

Com a escrita da História voltada para recortes mais amplos da nação, outras escalas de observação permaneceram em segundo plano. Nas narrativas oficiais não se entende a relevância, por exemplo, de uma trajetória específica quando comparada a um contexto mais amplo. Dessa forma, a historiografia se distanciou por muito tempo de recortes que se utilizam da micro história¹ para desenvolver suas análises.

Nesse sentido, por muito tempo a história que tem chegado às salas de aula é majoritariamente a que possui um recorte macro, o que distancia o estudo da história da realidade do aluno; apesar dos questionamentos que culminaram no surgimento de novas linhas temáticas, o avanço das análises micro ainda não são totalmente exploradas no ensino de História nas escolas. Um dos fatores que podem explicar esse distanciamento é seletividade imposta pelo Estado, que historicamente, vem preferindo narrativas que colaborem com o sentimento de unidade da nação brasileira através do ensino, deixando de lado outras tantas possibilidades de narrativa.

Questionando essa perspectiva, de que o ensino de História local não corrobora com o sentimento de nacionalidade, podemos citar a autora Circe Bittencourt, que analisa as questões a respeito da História Regional e suas ricas contribuições até mesmo para a História Nacional, enxergando as possibilidades presentes na combinação dessas perspectivas.

“A História Regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento da História Nacional ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação.”²

¹ A micro-história trata-se de uma análise historiográfica em escala menor.

² BITTENCOURT, Circe Maria fernandes. In: Ensino de História: fundamentos e Métodos. pp. 161

Sendo assim, segundo a autora é possível que a análise de questões específicas auxiliem na compreensão do contexto nacional, como por exemplo, as trajetórias de indivíduos ou acontecimentos em pequenas regiões do país, que podem dizer muito sobre determinado período da História no nível nacional.

Mas além disso, é importante ressaltar que a História Local, mesmo estando interligada ao cenário nacional, tem suas especificidades, muitos trabalhos ainda se restringem a aprofundar sua pesquisa em determinado local baseado somente na cronologia de acontecimentos marcantes do ponto de vista nacional. É essa tendência predominante que o professor Dr. Luís Reznik apresenta, na qual a análise local sempre está servindo como fundamentação para a conjuntura mais ampla.

“Na falta de informações relevantes sobre a região estudada, isto é, na falta de fontes documentais que permitam a reconstrução de experiências passadas, buscou-se suprir estes “silêncios” a partir de contextos maiores: a História do Brasil. Desvia-se o problema através de comparações hipotéticas do que tenha acontecido no local, com fatos generalizadores da História do Brasil. Ou seja, a experiência do passado local transforma-se em exemplos esparsos em meio à uma narrativa já consolidada pela historiografia nacional.”³

Nesse sentido, ao pensar sobre História Local é fundamental ter conhecimento sobre todos os desdobramentos possíveis, com o objetivo de não repetir o mesmo movimento anterior de priorizar uma perspectiva em detrimento de outra.

1.1 Memória e Identidade

“Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação

³ REZNIK, Luís. Qual o lugar da História Local?. pp. 3

*fenomenológica*⁴ muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.”⁵

Segundo a definição de Pollak, a memória é composta por experiências que ocorrem tanto no campo individual quanto no coletivo, a memória está diretamente relacionada à formação de identidade, como o indivíduo se reconhece e com o que se identifica. A memória coletiva é tão frequentemente afirmada socialmente que o indivíduo passa a se identificar até mesmo com situações às quais ele nem mesmo vivenciou, tratando-se portanto de *uma memória quase que herdada*, como afirma Michael Pollak.

Por esse motivo existe tanto interesse em torno daquilo que será perpetuado na memória coletiva, mas é claro que, como ressalta o autor, influencia na formação no imaginário do indivíduo, a partir do contato com a memória construída.

*“Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.”*⁶

Outro teórico que traz contribuições para a noção de identidade e que tem trabalhos mais recentes é Stuart Hall⁷, quando destaca que os significados atribuídos pela sociedade constroem a sua cultura, e portanto a formação da identidade dos indivíduos.

O aluno faz parte de uma comunidade, mas muitas vezes não se reconhece como pertencente, por não ter conhecimento sobre a história da comunidade na qual está inserido. A memória construída de um fato e a identidade que surge a partir desse contato é o que possibilita o sentimento de pertencimento.

⁴ A abordagem fenomenológica significa uma análise de uma conjuntura de fenômenos, quando comparados entre si.

⁵ POLLAK. pp 204

⁶ POLLAK. pp 205

⁷ Stuart Hall (1932-2014) foi um sociólogo jamaicano com grandes contribuições sobre o conceito de identidade.

O autor Rogério Ribeiro Jorge⁸ relaciona a identidade com outro ponto importante: o território. Essa análise se distancia um pouco das que foram destacadas anteriormente, mas também é de grande importância, pois de acordo com o autor a identidade está relacionada ao território.

*“A identidade seria, portanto, o resultado de um trabalho permanente e renovável de construção social e política, mas também geográfica, que leva em conta a extrema mobilidade dos agentes sociais”.*⁹

Essa perspectiva é fundamental quando pensamos na escola como um espaço de construção de identidade. Ao longo deste trabalho, aprofundarei melhor essa questão, que no campo teórico já foi analisada e oferece uma base para a afirmação da importância de se entender o espaço escolar e sua relação com o sentimento de pertencimento dos alunos, podendo influenciar na melhora do seu desempenho, se esses espaços e sua memória, forem melhor aproveitados.

1.2 - Memória e Lugares de Memória

*“A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”*¹⁰

O conceito de memória, inicialmente remete à habilidade dos indivíduos em armazenar informações, acontecimentos e experiências que foram vividos no passado, de um ponto de vista psicológico e neurológico. Quando analisamos o que é a memória do ponto de vista histórico, entram em questão também outros fatores, já que a memória não se trata somente de uma habilidade, mas de uma

⁸ Rogério Ribeiro Jorge, doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2009).

⁹ JORGE, Rogério. pp. 367.

¹⁰ POLLAK pp. 201

construção social, como afirma Maurice Halbwachs¹¹, que apresenta o conceito de “memória coletiva”, fundamental para entendermos a memória na abordagem aqui escolhida.

“Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias. De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo.”¹²

Le Goff em sua contribuição a respeito do conceito, indica as lacunas no conhecimento que podem ser preenchidas com o estudo da memória, a partir da perspectiva historiográfica dessa memória coletiva que é construída, além disso ressalta a importância dada à memória por ser também uma forma de controle da sociedade na qual está inserida.

“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.”¹³

Michael Pollack¹⁴, apresenta dois conceitos fundamentais para nosso aprofundamento no tema da memória, que são os conceitos de “memórias oficiais” e “memórias subterrâneas”.

¹¹ Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo e filósofo.

¹² HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. pp. 35

¹³ LE GOFF, Jacques. História e Memória. pp. 368

¹⁴ Michael Pollack (1948-1992) foi um sociólogo e historiador austríaco.

As “memórias oficiais” são geralmente definidas como os acontecimentos de maior relevância social e que aparecem nos documentos oficiais, são permeadas por influências do governo. Podemos identificar isso quando nos deparamos com alterações nos currículos escolares, de acordo com os interesses de quem está no poder, que sempre dão prioridade à História nacional, com isso a História local sempre esteve sendo desprezada.

As “memórias subterrâneas” são aquelas que permanecem em segundo plano, mas apesar disso são perpetuadas através da tradição oral, transmitidas no contato direto entre diferentes gerações, que contam acontecimentos familiares, de pequenos grupos ou indivíduos. Essas memórias possuem outras visões de um mesmo passado, porém não ganham visibilidade, sua continuidade depende dessa transmissão de conhecimento como, por exemplo, um avô que viveu durante a ditadura militar, pode ter outras visões de como o regime afetou sua vida como indivíduo. Essas perspectivas geralmente não ganham destaque e caem no esquecimento, se os seus filhos e netos não tiverem acesso a elas através do convívio familiar.

Segundo Pollak, essas memórias permanecem a maior parte do tempo, restritas a esses espaços de sociabilidade, não necessariamente esquecidas, mas sem maior destaque, e costumam surgir e ganhar força no nosso imaginário em momentos cruciais, em que são experimentadas mudanças profundas, no qual a sociedade passa a questionar as memórias oficiais para reorganizar suas estruturas.

“Ao privilegiar análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional.”¹⁵

Essas perspectivas a respeito do conceito de memória, são fundamentais para entender a relevância de trabalhos que questionam a memória oficial, dentro de sala de aula, e como a recuperação de espaços de memória, auxiliam na

¹⁵ POLLAK, Michael Pollak. Memória, Esquecimento, Silêncio. pp. 4

conexão do aluno com o ensino de História e com suas próprias noções de memória coletiva.

1.3 Questões de Patrimônio: “Nunca vi, eu só ouço falar”¹⁶

Em nossa sociedade temos uma relação complexa com a noção de Patrimônio, porque ao mesmo tempo em que existem políticas de preservação, ainda existe um distanciamento do público em geral e essas mesmas políticas, comprometendo assim, a questão da preservação.

A instituição que trata dessas questões é o Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional que surgiu em 1937, com o objetivo de determinar os aspectos que segundo eles, definiriam o que deveria ser considerado patrimônio cultural brasileiro. A ‘fase heróica’ como denomina Cecília Londres¹⁷, se restringe em incluir aquilo que os intelectuais consideravam como sendo importante para ser preservado.

Esse cenário se altera somente nos anos 1980 com a Constituição de 1988, que inclui diversos grupos como, por exemplo, os povos indígenas, assim surgiram questionamentos a respeito de outros elementos esquecidos, que fazem parte também da cultura nacional e que tinham sido desconsiderados até aquele momento.

Essa mudança de perspectivas é importante porque passa a reconhecer como patrimônio, outros elementos que são parte da cultura da população, pois antes desse marco, o patrimônio só era entendido como tal, se fizesse parte da cultura considerada pela elite. Segundo o artigo 216 da Constituição brasileira:

“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras,

¹⁶ Trocadilho com a música “Caviar” de Zeca Pagodinho, cantor e morador de Duque de Caxias, com as respostas obtidas quando as pessoas são perguntadas a respeito do que é um patrimônio.

¹⁷ Maria Cecília Londres Fonseca, doutora em Sociologia pela UnB.

objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”¹⁸

Apenas nos anos 2000, com o Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000, foi acrescentado ao IPHAN o registro de bens culturais imateriais, outro grande passo para a valorização de outros elementos culturais por parte de uma instituição do governo. Entende-se como patrimônio imaterial tudo aquilo que faz parte da identidade de um povo.

Ou seja, se o patrimônio é entendido agora, não apenas como cultura da elite, é mais viável a preservação daquilo com o qual o povo se identifica, possível que o indivíduo se enxergue como parte dessa História que deve ser preservada.

A Educação Patrimonial tem tido um maior destaque recentemente, pois tem sido reconhecida a relação direta entre a Educação e a possibilidade de preservação, pois somente quando a sociedade entende o sentido pelo qual um bem é considerado patrimônio, poderá compreender os motivos pelos quais deve preservar.

A noção de patrimônio está relacionada com passado, mas vemos aqui suas influências na atualidade, as escolhas em torno do que é considerado patrimônio, além de uma simples atitude de preservação, tem em seus objetivos definir uma narrativa histórica. Quando nos deparamos com um monumento, seja qual for, ele certamente não foi construído de maneira arbitrária, em geral, foi assim escolhido para exaltar alguma figura ilustre, ou um acontecimento, que tenha relevância para o grupo social que está no poder naquele momento.

Assim como a memória constitui o sentimento de pertencimento, os bens patrimonializados também auxiliam nessa construção de um imaginário social e individual, fazendo parte da formação da identidade do indivíduo.

Isso ocorre de maneira quase que despercebida, se levarmos em consideração, por exemplo, um monumento que já faz parte da cidade há séculos, não é questionado sobre os motivos de sua construção e presença, sendo apenas

¹⁸ Disponível em:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp

um elemento na paisagem, sem sentido ou significado histórico, muitas vezes torna-se um ponto de referência do local, mas apenas como um ponto de encontro. Nesse sentido, o ensino de História deve levar os alunos a questionar a presença desses patrimônios e a ausência de outros elementos culturais.

2 Olhares para a Baixada Fluminense

O objetivo desse capítulo é apresentar como foi desenvolvida a historiografia sobre a Baixada Fluminense, mais específico sobre o município de Duque de Caxias.

Nesse sentido, para que seja possível o entendimento sobre a relevância do ensino de História local, se faz necessário contextualizar o espaço em que se está questionando a necessidade de pesquisa e divulgação sobre História local.

Inicialmente, toda a região que atualmente é compreendida como Baixada Fluminense, composta pelos municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Magé, Guapimirim e Mesquita, era entendida como um território único, Vila Iguassu ou “Iguassú Velho”.

As primeira sesmarias são datadas no ano de 1558, surgem então fazendas das quais o plantio tinha como objetivo de suprir as demandas da cidade do Rio de Janeiro, além é claro, das necessidades das próprias fazendas. Um dos fatores que favoreciam a utilização da região para o distribuição de suprimentos e posteriormente de escoamento do ouro, é a presença de rios nesse território.

Em um período inicial houve um aumento populacional em função desse desenvolvimento agrícola, isso se altera com a instalação de estradas de ferro que diminuíram significativamente o fluxo de pessoas. Aliado a outros fatores, isso culmina no "abandono" da região, o que não significa que seu desenvolvimento tenha se estagnado, mas passou a ser um espaço do qual as autoridades competentes estavam desinteressadas.

Esse cenário se altera somente com outro marco; a citricultura, que tratava-se do cultivo de laranjas, que começa ainda no final do século XIX e tem o seu auge entre 1920 e 1940. Nesse momento, motivado por esse tipo produção, ocorre um novo crescimento econômico, que influencia ainda mais no processo de desenvolvimento das áreas que compreendem a baixada fluminense.

Entretanto, o crescimento demográfico é posterior, nesses momentos iniciais, a população ainda é muito restrita a donos de fazendas e chácaras e

trabalhadores rurais. Após o fim do “ciclo da laranja”, a solução encontrada por donos das terras inutilizadas foi a venda em lotes, nesse momento se dá início a uma transformação desse espaço; que virá a se tornar uma região de moradia.

A cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1950, passa a receber muitos imigrantes, que não tem a capacidade de abrigar todos esses novos moradores, que então tendem a ocupar as áreas da Baixada Fluminense.

“É nesse cenário que a Baixada Fluminense se insere como área de expansão do Rio de Janeiro, apresentando a proliferação de loteamentos com baixo custo da moradia e carência de infra-estrutura na sua grande maioria.”(FIGUERÊDO, 2004)

É visível a partir dessa breve contextualização, como a História dessas regiões tem sido marcada por períodos históricos macros da História Nacional, por exemplo, por ter sido uma das primeiras regiões do país a ter plantações de café ou por ter recebido estradas de ferro, como a estrada de ferro de Mauá, primeira ferrovia do país.

Na historiografia, os “Caminhos do Ouro”, tem sido um dos temas factuais de maior destaque, isso porque durante o período auge da extração de ouro em Minas Gerais, a região da atual Duque de Caxias, era o caminho utilizado e mais propício.

Outro destaque dado a história da região é o período auge da citricultura na região do atual município de Nova Iguaçu, ou seja, nesse sentido fica claro a dependência da produção historiográfica dessas regiões a contextos mais amplos, deixando esquecidas trajetórias particulares.

“Entender o uso político dos autores e os lugares e espaços de suas escritas, capacita para uma leitura mais crítica da produção na Baixada Fluminense, sem, simplesmente, rotular os estudos pioneiros de “memorialistas”, mas compreendê-los em seus contextos. Assim, entender os projetos políticos implica reconhecer as escolhas temáticas que foram privilegiadas e também os modos de produção de história, as regras do ofício, que não foram as mesmas ao longo do tempos.” (LAURENTINO, pp. 4)

Essas linhas de pesquisa enxergam os acontecimentos históricos nessas regiões como dependentes da história nacional, retomando as questões levantadas por Reznik.

Em seu recente trabalho, a historiadora, professora e moradora de Duque de Caxias, Amália Dias¹⁹, utiliza a temática da citricultura para ir além das análises factuais, em seu livro *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*, Amália apresenta dados da região rural que apresentava um número expressivo de escolas, o que mostra a importância da Educação nas relações sociais. Outros trabalhos significativos também surgiram, com o objetivo de trazer luz a questões esquecidas quando analisadas no contexto da macro-história²⁰.

“Dias defende que o enquadramento de memória realizado através do jornal ‘Correio da Lavoura’ para as comemorações do centenário criou uma memória da citricultura nos trabalhos historiográficos que privilegiaram a laranja nos discursos sobre a região. Isso implica em leituras das primeiras produções sem criticidade sobre as intenções desse recorte, que ignorava a presença dos trabalhadores, e consequentemente, gerou uma reprodução dessa visão nas produções seguinte” (LAURENTINO. p.4)

Assim como grande parte da região Fluminense, Duque de Caxias é um município marcado por desigualdades, isso se evidencia ao pensarmos nas condições de vida dos seus habitantes se comparado com o fato do município ter o terceiro maior PIB do Estado do Rio de Janeiro, ou seja, a contradição entre a arrecadação do município e a pobreza da população.

A região tem sido sempre vista como um espaço marginalizado e que funciona basicamente para receber grupos sociais que trabalham na metrópole. Além disso, as marcas do abandono estatal se refletiram em números significativos de violência, o que corrobora para a construção de uma imagem negativa desse espaço, assim como outros municípios que compõem a Baixada Fluminense.

¹⁹ Amália Dias, professora da FEBF-UERJ e doutora em História da Educação na UFF.

²⁰ Análises historiográficas que abordam temas gerais e de proporções amplas.

A trajetória de Tenório Cavalcanti²¹ relacionada a história da cidade de Duque de Caxias, o “homem da capa preta”, corrobora também para perpetuar a lógica do espaço da Baixada como um lugar violento. Atualmente, o lugar da Baixada Fluminense na mídia é sempre marcado por representações de violência, pobreza e abandono, dando continuidade ao pensamento de que é somente composto por características negativas, a influência dessas representações no imaginário local é marcante e deve ser questionada por todos esses meios legitimadores, ou seja, tanto nos meios de comunicação quanto na Educação.

A historiografia sobre a História da cidade é ainda muito restrita, mas esse panorama vem se modificando com trabalhos mais recentes, como de Marlúcia Santos de Souza, que em seu livro *“Escavando o Passado da Cidade: História Política da Cidade de Duque de Caxias”*, apresenta a formação da cidade por um aspecto mais amplo que somente o da História macro, trazendo ao debate essa formação através de questões políticas que têm significativas tensões, considerando as lutas sociais que permearam esse processo.

Mas é preciso pensar que, enquanto as questões negativas foram se estabelecendo no imaginário da população, muitas lutas estavam sendo travadas no município, pelos moradores que entendiam a importância da Educação como um fator de ascensão social, nesse sentido é preciso pensar nas trajetórias ainda permanecem silenciadas e a espera de serem evidenciadas.

Recentemente essas trajetórias silenciadas têm ganhado espaço, em projetos acadêmicos, empresariais e institucionais, um dos casos mais marcantes na Baixada Fluminense e acredito que, mais duradouro, é o do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias, que é o foco desta pesquisa.

²¹ Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque (1906-1987), advogado e político.

3 Resgate de Memórias - O trabalho do CEPEMHed

Em 23 de dezembro de 2005, o decreto nº 4.805 que é institucionalizou o Centro de Pesquisa, Memória e História da Cidade de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense. Em 2006 inicia suas atividades e somente em 7 de novembro de 2008 o decreto passa a ser a Lei nº. 2.223.

O interesse na criação de um Centro de Memória surge muito antes, a partir de um movimento dentro do sindicato de professores de Duque de Caxias SEPE-DC, após uma visita da Professora Fátima David à escola Dr. Álvaro Alberto junto a outras professoras que faziam parte da direção do sindicato, ao notarem o descaso e o abandono de materiais que compunham a história da escola em questão. Nesse momento, a discussão sobre a história da educação e mais especificamente da história escolar ganha força, pois se mostrava fundamental entender qual o espaço da memória dentro da escola e da rede em geral, as questões em torno do patrimônio e seus reflexos. A partir dessa mobilização e através de um movimento contínuo na defesa da memória da cidade, o Centro é institucionalizado.

Art. 1º: Fica criado no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, que funcionará nas dependências do prédio que sediou a E. M. Nísia Vilela Fernandes, localizado na Estrada Benjamin Rocha Júnior, s/nº, Bairro São Bento, 2º distrito do município. (DECRETO Nº4.805, 2005)

Mesmo após sua institucionalização, um outro desafio presente desde o início é a questão estrutural, no que diz respeito aos espaços disponíveis de produção e de arquivo, um problema que ainda é motivo de luta por parte da equipe e também daqueles que enxergam a importância do Centro para a cidade. A equipe é composta por professores da rede municipal de ensino, os cargos da instituição não são comissionados.

O Centro de Memória da Educação atualmente desenvolve diferentes projetos, porém todos tem o objetivo comum de incentivar a pesquisa e a

preservação da memória. Dentre eles estão os seguintes projetos: Rememorar para Crescer, Memórias em Cartão, Andanças, projetos do Núcleo de Memória e o Curso Escola. Lugar de Memória, Pesquisa e Experiências em Educação Patrimonial. Ao longo dos anos de existência da instituição, muitos outros projetos foram pensados, tendo sido alguns produzidos, outros que não tiveram continuidade ou viabilidade, levando em consideração os limites espaciais e financeiros do Centro.

É importante ressaltar que a maneira como os projetos são desenvolvidos, estão sempre alinhados a uma narrativa que perpassa o ambiente escolar, o objetivo é de aproximar cada vez mais a escola e a pesquisa, ou seja, a escola como um lugar de pesquisa. A pesquisa realizada tem sempre a escola como objetivo principal, ou seja, a História local, a partir da perspectiva da história das escolas públicas, como sendo um espaço de disputas e interesses.

“A gente pergunta sobre patrimônio e todo mundo pensa em prédio, mas dentre esses prédios, não estão os da Educação. Assim também aconteceu com a pesquisa, em Caxias estava muito desenvolvida a pesquisa sobre a cidade, sobre a baixada fluminense, por exemplo, “Caminhos da Fé”, “Caminhos do Ouro”, trajetórias dos trabalhadores, enfim, Caxias estava bem avançada em relação a pesquisa, o próprio grupo dos historiadores, mas não da pesquisa da Educação, mas sim da pesquisa da Cidade e da Baixada. Então da História em um sentido mais amplo, mas não no sentido da Educação e aí essa movimentação de pesquisar a Educação da cidade, ela toma corpo com a criação do Centro de Memória.” (Entrevista: Márcia Montillo. pp.3)

Assim como outros projetos na área de Educação, é importante salientar que a realização de um trabalho nesse âmbito teve que enfrentar muitas barreiras, principalmente diante de retrocessos, desmontes e falta de valorização da área, sendo possível através de muita insistência da parte de profissionais e militantes que se uniram a pela causa da Educação como patrimônio.

Neste capítulo apresento a proposta de apenas três projetos do CEPEMHed, Núcleo de Memória, o Curso Escola. Lugar de Memória, Pesquisa e Experiências em Educação Patrimonial e o projeto Memórias em Cartão,

Educação em Duque de Caxias; isso porque são exemplos de projetos que relacionam a escola, a pesquisa e a formação.

É importante ressaltar que todos os projetos citados envolvem em algum nível os estudantes, professores e conseguem ir além, envolvendo também os moradores do entorno das escolas que recebem o projeto e os funcionários. Esse último grupo é um dos mais surpreendentes, por passarem anos trabalhando em uma mesma escola, mesmo não sendo professores ou alunos, se identificam profundamente com o espaço escolar, mostram muito interesse na pesquisa e são muitas vezes convidados a participar de entrevistas, como no caso de Diva Baptista da E.M. Dr Álvaro Alberto.

Figura 1 - Entrevista com Diva Baptista



Acervo: CEPEMHed

Os alunos que participam geralmente fazem parte do grêmio estudantil ou são alunos de EJA, isso porque já se encontram em uma faixa etária da qual é possível trazer determinados conceitos para as discussões, o que faz com que o trabalho seja mais viável com alunos maiores. Entretanto, isso não exclui os alunos mais novos, o CEPEMHed tem projetos e ações que abarcam a escola como um todo, pois o objetivo final é que os resultados sejam amplamente divulgados.

Além dos projetos fixos, estão sendo sempre promovidos simpósios, palestras, além de rodas de memórias, que tem objetivos mais pontuais, como no exemplo a seguir, a Roda de Memória realizada com as primeiras professoras concursadas da E.M. Tabuleiro.

Figura 2 - Roda de Memória com as primeira professoras concursadas. E.M. Tabuleiro.



Acervo: CEPEMHed

3.1 Núcleo de Memória

Um dos projetos mais amplos do Centro é o *Núcleo de Memórias: Histórias das Instituições Educativas*, a proposta de se realizar uma pesquisa sobre a história da instituição e da comunidade é apresentado nas escolas municipais da rede de Duque de Caxias, aquelas que se interessam recebem a equipe do Centro e passam a contar com um Núcleo de Memória.

A ideia do núcleo é fomentar dentro da escola o interesse à pesquisa, dessa forma, aos componentes da equipe escolar que desejam participar, são propostos encontros com discussões teóricas a respeito da importância da preservação,

questões de memória e fontes. Além de oficinas que orientam a todos sobre quais os cuidados que devem ser tomados ao manusear e preservar os documentos escolares.

Figura 3 - Oficina de conservação E.M. Santa Luzia



Acervo: CEPEMHed

Seu objetivo é despertar o interesse na História da escola, mas além disso, aproximar o ambiente escolar da pesquisa, mobilizando alunos e professores a participar ativamente das ações. Ao final do Núcleo em cada escola, a ideia é de organizar um espaço museal para que aquela História possa ser vista e compartilhada, nesse sentido, nem todas as escolas têm espaço disponível, então pode ser que seja montado em uma parede, ou uma prateleira ou um banner, ou seja, o que for mais viável dentro das reais possibilidades.

Figura 4 - Núcleo de Memória E.M. Jayme Fichman



Acervo: CEPEMHed

O Núcleo de Memória tem como objetivo ir além da História narrada no PPP escolar, pretende entender quais as relações entre a escola que surge naquele espaço com o entorno, tendo em vista essa peculiaridade no momento da pesquisa, surgem muitos personagens que foram silenciados na História Oficial. São vários os exemplos encontrados, como relata Márcia Montillo:

“Na Tabuleiro (E.M. Tabuleiro), que estamos fazendo agora, era um assentamento de agricultores, um movimento de ocupação de terras no meio da mata, com crianças que não tinham escola. Eles começam com uma pessoa que só tinha 8º série para dar aula para aquelas crianças e ali começa uma escola, eles começam reuniões periódicas para conseguir levar uma escola pública para lá, são indas e vindas daquela associação de agricultores e depois com a prefeitura para conseguir colocar uma escola lá dentro, então aí que a gente descobre que o primeiro professor de lá era leigo e só tinha até a 8º série, depois que ele foi fazer o normal. Então assim, são histórias de muito esforço, de muita mobilização das pessoas porque eles precisam de escola para os filhos deles e o poder público só depois, quando o prefeito coloca a “plaquinha”. Por isso você chega na escola e lá está criação da escola em 1969, mas ela era desde 1958.” (Entrevista: Márcia Montillo pp9.)

Uma questão pertinente é a aceitação do projeto por parte da equipe da escola, por se tratar de um projeto de pesquisa da História escolar, é possível que se imagine que os professores de História das escolas, tenham um maior engajamento por se tratar de um projeto que envolve a sua área, apesar da proposta ser multidisciplinar, é claro. Entretanto, na realidade não necessariamente esses professores se interessam e nem se quer chegam a participar ativamente. O que nos faz refletir até que ponto todos os professores que estão em sala de aula, aceitam ou entendem como importante, a História não-oficial.

Ainda no sentido da participação, dos diversos relatos, um dos mais marcantes lembrados pelas coordenadoras do projeto, é o de Fátima, porteira do IERGS, que foi vista explicando aos alunos o mural da que conta a História da escola, o que mostra como as ações realizadas através do Núcleo acabam indo além da sala de aula, tem a capacidade de envolver outros agentes da comunidade.

Nesse sentido, nas escolas que receberam o Núcleo ao longo desses anos de trabalho, já são relatados resultados visíveis, principalmente no comportamento dos alunos que participam do projeto, em sua maioria, alunos que mostram interesse, ou que fazem parte do grêmio estudantil e alunos do EJA, isso porque é a faixa etária que melhor corresponde à proposta.

“Além dessa vontade de memória, a gente percebe também, e é um dos objetivos do núcleo, porque acaba mexendo com aquele sentimento de pertencimento, essa é a minha identidade, eu pertencço a esse espaço, eu faço parte da história dessa escola, estou vivendo e fazendo a história dessa escola, ela também pertence a mim. E isso acaba mexendo inclusive com o cuidar, com o cuidado com a escola. Tem escolas que a gente já ouviu, que acabou melhorando a questão do vandalismo na escola, isso porque eles se envolveram, a diferença é essa quando você leva algo pronto, o outro não está envolvido, não vai prestar atenção, mas quando ele está participando, ele está fazendo, pesquisando e se envolvendo. Ele faz parte e se reconhece também nas fotografias, isso foi melhorando o cuidado com a escola, por isso a gente propõe que leve para a comunidade, porque o problema maior as vezes, do não-reconhecimento e da não valorização da escola, está até em quem faz parte da comunidade, então

extrapolando os muros da escola, para tentar mudar a relação das pessoas da comunidade com a escola.” (Entrevista: Márcia Montillo, pp.51)

O projeto do Núcleo já atendeu à 23 escolas (Anexo 1) desde o início de suas atividades. Considerando que a SME - Duque de Caxias compreende 175 unidades escolares, ainda existe muito trabalho a ser realizado e muitas memórias a serem evidenciadas através do Núcleo de Memória.

3.2 Curso Escola. Lugar de Memória, Pesquisa e Experiências em Educação Patrimonial.

Figura 5 - Panfleto de divulgação do Curso 2019



Fonte: Divulgação CEPEMHED

O projeto Escola. Lugar de Memória, Pesquisa e Experiências em Educação Patrimonial, trata-se de um curso que é oferecido todos os anos pelo Centro, seu público alvo são professores da rede, alunos da graduação e todos aqueles que se interessam pela temática da Educação Patrimonial.

O curso tem a duração de um ano e conta com encontros mensais, cada um com uma proposta diferenciada. Recebem a visita de professores palestrantes e por ser um curso com a ideia de rotatividade, os encontros ocorrem em lugares

diferentes, com o objetivo inclusive de apresentar aos alunos as diferentes perspectivas das escolas do município, suas demandas e peculiaridades.

Isso é fundamental se considerarmos que as escolas de Duque de Caxias surgem em contextos muito distintos, algumas em área urbana e algumas em área rural, difícil acesso e até difícil acesso. Assim é possível observar e questionar as diferentes realidades a que alunos e professores estão sendo apresentados.

Outra atividade realizada são as oficinas, nas quais a equipe do CEPEMHed apresenta o trabalho realizado em seu arquivo e como deve ser feito manuseio de documentos, higienização, armazenamento e catalogação dos itens, pois é necessário que professores, secretários, coordenadores de escolas, saibam como preservar os documentos que contam a História de suas escolas.

Os participantes do curso são convidados a produzir um trabalho final no qual devem escolher uma escola e pesquisar sobre sua História. A partir desses trabalhos também surgem novas histórias a serem evidenciadas.

3.3. Memórias em Cartão, Educação em Duque de Caxias

O projeto “Memórias em cartão” consiste em recuperar fotografias encontradas nos arquivos da instituição e em arquivos pessoais, que contam a história e a trajetória das escolas e indivíduos que fizeram parte desse processo. Essas fotografias são digitalizadas e transformadas em coleções de cartões postais, com trechos que contam um pouco sobre cada experiência ali representada, nesse sentido, os cartões contendo a pesquisa são uma maneira de divulgar seus resultados de maneira mais ampla.

Os cartões postais são produzidos para que em um dos lados esteja a imagem selecionada e do outro, a História que aquela imagem pode nos contar. Como no exemplo a seguir:

Figura 6 - Cartão com os alunos da E.M Bom Retiro.



Acervo: CEPEMHED

Figura 7 - Cartão com os membros o Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade durante a construção da Escola Municipal Vila Operária.



Acervo: CEPEMHED

Já foram confeccionadas três diferentes remessas de postais, dentre as quais selecionei essas duas escolas, por conta de sua especificidade, apesar de todas as outras terem histórias marcantes. A E.M Bom Retiro e a E.M Vila Operária são casos marcantes de luta das comunidades para ter acesso à Educação.

A primeira, Bom Retiro, tem como resultado da pesquisa e do encontro de Dona Alriza que foi merendeira da escola por 27 anos, a descoberta de que um grupo de mães era responsável pela manutenção da escola, que recebia mais alunos do que poderia suportar, como relata Márcia Montillo:

“E aí a gente vai entrevistar Dona Arilza e com ela a gente descobre que a escola quando foi criada tinha 112 alunos uma única servente duas professoras, o foco ficou em só ter uma uma servente para 112 alunos, quem é que sustentou a limpeza da escola, a merenda da escola durante longos anos? Um grupo de mães que foi criado por iniciativa da dona Alriza lá na comunidade por

orientação da assistente social da Petrobrás, esse grupo de mães é quem ficou cuidando da limpeza e da merenda por tantos anos, que a dona Alriza nem lembrava quantos e ela ainda tinha na casa dela duas fotografias desse clube de mães.” (Entrevista: Márcia Montillo, pp.45)

No segundo exemplo, o caso da Vila Operária, que foi construída pelo Centro “Pró-Melhoramentos”, que era composto pelos moradores do bairro que queriam uma escola para seus filhos, posteriormente essa memória desaparece dos registros, também relata Márcia Montillo:

“Vila Operária que nos procurou por conta dos 45 anos do aniversário da escola e pesquisando a gente descobre que a escola na verdade não tinha só 45 anos, tinha muito mais, porque eles só sabiam da história da escola a partir do momento em que ela é encampada pela prefeitura e vira escola municipal, a gente descobre que quem construiu aquela escola são os moradores da vila operária, estivadores, pedreiros, pessoas simples que assim como ocuparam aquele morro em sistema de mutirão, construíram as casas e tudo que eles tinham, precisavam de uma escola para os seus filhos, então construíram também uma escola.” (Entrevista: Márcia Montillo, pp.46)

Citamos aqui o nome de Dona Alriza, mas em todas os processos de pesquisa, surgiram personagens que fizeram parte de alguma forma da História dessas instituições. O fato desses indivíduos demonstrarem interesse e participarem ativamente, contando suas memórias, mostra como o trabalho do Centro consegue ir além do espaço escolar, abarcando toda uma comunidade.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como intenção traçar um paralelo entre questões que permeiam o ensino de História e atividades que vêm sendo realizadas na prática. Isso porque muito se debate a respeito, mas pouco se divulga sobre a possibilidade de novas formas de ensino. Mesmo o Centro já tendo um longo período de atuação, como moradora de Duque de Caxias, não tinha conhecimento do trabalho que estava sendo realizado no meu próprio município.

A institucionalização de um Centro de Memória na rede municipal é um gigantesco avanço no incentivo a memória, mas como dito anteriormente, o Centro ainda conta com uma infraestrutura que limita o desenvolvimento pleno de suas atividades.

Ao trazer a experiência do CEPEMHed pretendeu apresentar seu aspecto inovador, principalmente por ser realizado na Baixada Fluminense, um espaço que tem sido vinculado a acontecimentos e negativos ou somente ao esquecimento. Essa pesquisa além dos objetivos acadêmicos, também teve como objetivo exaltar o trabalho de profissionais da Educação que permanecem na busca por melhorias mesmo diante da desvalorização da categoria.

A luta de professores que entendem a extrema importância de resgatar memórias silenciadas e apresentá-las às novas gerações, que ao se entenderem parte da História podem construir uma nova relação com seu território e com sua identidade.

Esse processo fica evidente na fala das coordenadoras do CEPEMHed, todos os projetos de alguma forma trabalham além da memória, o vínculo entre a história escolar e o aluno. Além disso, a pesquisa mostra a amplitude desse projeto ao trazer narrativas como a de Dona Arilza, que são totalmente ignoradas na História oficial.

Existem registros de experiências como a do Centro, em diversos níveis de desenvolvimento e em diversas regiões do país. Ainda que desvalorizados, como grande parte das questões que envolvem a defesa da preservação da memória em nosso país. Esses projetos e instituições, assim como o CEPEMHed constroem a

cada dia um novo olhar para o ensino de História, que aproxima o aluno, que tece uma nova relação com o seu meio.

É preciso debater essas perspectivas no ensino superior e no ensino básico, compreendendo sua importância em todos os níveis. Acredito na relevância acadêmica desse tema e também na relevância social, que esteve presente ao longo de toda a pesquisa.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História.** In: Estudos Avançados. 2018. pp. 127-149

FIGUERÊDO, Maria Aparecida de. **A formação histórica da Baixada Fluminense.** Gênese e (re)produção do espaço da Baixada Fluminense. In: Revista geo-paisagem (on line) Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. ISSN Nº 1677-650 X.

GONÇALVES, Marcia, REZNIK, Luís e FIGUEIREDO, Haydée. “Entre moscas e monstros: construindo escalas, refletindo sobre história local” In **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino da História.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

JORGE, Rogério. **Território, Identidade e Desenvolvimento: Uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural.** Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Traduzido do original francês LA MEMOIRE COLLECTIVE (2.a ed.) Presses Universitaires de France Paris, França, 1968© 1950. Presses Universitaires de France. Tradução de LAURENT LÉON SCHAFFTER Produção Editorial: Afro Marcondes dos Santos Produção Gráfica: Enyl Xavier de Mendonça Capa: RTARTE© desta edição: 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva. Vol. 11. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

LAURENTINO, Eliana Santos da Silva. Escritas da história de Duque de Caxias e Baixada Fluminense: memória, história e patrimônio (1933-1991). In: **Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino da História.** 2016

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. "Patrimônio, identidade e cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial." In: **Ensino de história: desafios contemporâneos.** / org.Véra Lucia Maciel Barroso... [et al.]. – Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010. 296 p

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. , vol 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. , vol 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REZNIK, Luís. "Qual o lugar da História local?". **Projeto História de São Gonçalo: memória e identidade.** p. 1-5.

SOUZA, Marluce Santos de. **Escavando o passado da cidade: história política da Cidade de Duque de Caxias** / Marluce Santos de Souza; revisão de conteúdo e seleção Iconográfica: Ercília Coêlho Oliveira, Fábio Silva Gonçalves. Duque de Caxias, RJ: APPH-CLIO, 2014. 228p. :Il; 23cm.

ANEXO 1 - Escolas atendidas pelo CEPEMHed

ANO	ESCOLA
-----	--------

2007	E.M Aila Saldanha
2007	E.M Bairro Califórnia
2007	E.M Solano Trindade
2007	E.M Vilmar Bastos
2008/2019	E.M Dr. Álvaro Alberto
2009/2015	E.M Bom Retiro
2009	E.M Moacyr Padilha
2009	E.M Regina Celi
2009/2019	E.M Santa Luzia

2010	E.M Leni Fernandes do Nascimento
2010	E.M Wilson O Simões
2010	C.N Irineu Marinho
2011	E.M Wanda Gomes Soares
2011	CIEP Henfil
2012	C.E Barão de Mauá
2012	C.E Guadalajara
2012	E.M Zilla Junger
2014	E.M Vila Operária
2015	Creche Menino Jesus
2019	E.M Tabuleiro
2019	Creche Parteira Odete

2019	E.M Lions
2019	E.M Jayme Fishman

**ANEXO 2 - Entrevista realizada no dia 18/07/2019 com Márcia Spadetti, Renata Spadetti e Márcia Montillo, coordenadoras do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense - (CEPEMHed).
Pesquisadora: Gabriela de Melo Linaus**

Pesquisadora: Qual o objetivo principal dos projetos do Centro? Todos são voltados para a escola?

Renata Spadetti: Nossos projetos são pensados para entrar nas escolas, para estar na escola, para formar professores, né? E dentro da perspectiva da Educação Patrimonial, da História da Educação. A gente pensou no Núcleo porque de fato é um dos projetos que a gente tem com toda certeza, tem mais procura e tem muita certeza de que é desenvolvido no interior da escola. Os outros processos, como o "Rememorar Para Crescer" também no interior da escola, os professores procuram e vem até nós, porque são visitas, né?! Por isso que a gente pensou a princípio nesses, mas todos os projetos do Centro tem essa característica que é trabalhar os três eixos: Formação, Arquivo e Pesquisa. Todos os projetos do Centro vão passar pelos três eixos, a gente às vezes divide para falar com as pessoas, fica mais didático né?! Para as pessoas que estão de fora compreenderem qual a nossa perspectiva. O nosso site está um pouco desatualizado, porque é a gente que movimenta também, então não tem um técnico, não tem uma pessoa responsável de informática, inclusive em agosto vamos renovar o site, tentar sentar e atualizar de fato, mas todos aqueles projetos com exceção do Rememorar para Crescer, que a gente teve que "brecar", todos estão funcionando, desde o começo, alguns logo depois, outros entraram desde o começo mas estão até hoje funcionando.

Pesquisadora: "Como surgiu o interesse de levar esses projetos de memória para dentro da escola?"

Renata Spadetti: Então eu acho que essa sempre foi a preocupação. Quando o Centro surge, ele surge porque a professora Fátima Davi, que era a direção do

sindicato, ela vai até a Escola Doutor Álvaro Alberto, para resolver questões da educação especial e conversar com os professores sobre outras questões e lá ela encontra os materiais da Armanda, sendo descartados, aí começa esse debate sobre, como a Educação Patrimonial tem se estabelecido em Duque de Caxias, dentro das escolas de Duque de Caxias. Como que a Escola Dr. Álvaro Alberto, que é uma escola da década de 20, como que ela se entendia, como nós entendíamos a escola como um patrimônio. Então a escola e estar no interior da escola, formar professores, tudo tá junto, não está separado, essa foi a motivação da criação do Centro, pensar Educação Patrimonial que vinha sendo desenvolvida em Duque de Caxias. A gente já tinha um trabalho muito grande dos historiadores da cidade, que já pesquisavam a história local, mas e a História da Educação, né? Que lugar que ela ocupava, o patrimônio, a escola era de fato entendida como um patrimônio. Então acho que essa foi a preocupação desde o início, tanto que o núcleo, Márcia Montillo talvez tenha mais dados, porque estava desde o início, o núcleo foi uma preocupação desde o início, foi um projeto que se instituiu junto com o Centro, desde o início ele existe, claro que no começo com uma outra formatação, hoje a gente tem uma formatação mais elaborada, porque a medida que a gente vai criando, vai construindo nossa trajetória, mas eu penso que essa foi uma preocupação primária. Quando eles começam a pensar qual é a ideia de patrimônio que se tem e como a escola é vista, se é ou não um patrimônio, quando esse grupo começa a discutir isso no interior da direção do sindicato, coordenado e pensado pela Fátima David, a gente começa a entender que tem que estar dentro da escola, tem que estar formando professores pra pensar a escola como patrimônio, a Educação como um patrimônio, porque se a gente pensar a cidade de Duque de Caxias, não há na história da Educação da cidade, até agora o que a gente tem visto, a instituição de uma escola, ou de um projeto educativo sem a interação da sociedade, talvez o protagonismo da sociedade civil nessa ação. Tudo o que a gente vem descobrindo sobre a História da Educação da cidade até hoje, a gente vem entendendo que começou de Associações²², eram pessoas que viam a necessidade da implantação de uma escola e ali começavam, um doava um lugar, um doava o seu serviço e construía, a escola se fazia e depois o poder público

²² Associações de moradores.

acabava encampando a escola e tudo mais. Mas não também com muita facilidade ou tranquilidade, era sempre um processo de luta, então a História da educação em Caxias se forma, a partir de um processo de luta, luta dos moradores, das pessoas que entendiam a Educação como uma porta ou um caminho pra sua libertação, pra sua emancipação, pra sua vida.

Marcia Spadetti: Também é nesse caminho de luta que o Centro se institui e que a gente pra se manter, continua na luta, a luta é um verbo, lutar sempre. Luta e educação, a gente vê que tá tudo junto, principalmente a educação pública.

Márcia Montillo: Você falou em relação à levar a pesquisa pra escola, assim como escola e Educação não são vistos como patrimônio, não são vistos como locais de memória, que é importante pesquisar a memória, guardar e divulgar essa memória, a gente pergunta sobre patrimônio e todo mundo pensa em prédio, mas dentre esses prédios, não estão os da Educação. Assim também aconteceu com a pesquisa, em Caxias estava muito desenvolvida a pesquisa sobre a cidade, sobre a baixada fluminense, por exemplo, “Caminhos da Fé”, “Caminhos do Ouro”, trajetórias dos trabalhadores, enfim, Caxias estava bem avançada em relação a pesquisa, o próprio grupo dos historiadores, mas não da pesquisa da Educação, mas sim da pesquisa da Cidade e da Baixada. Então da História em um sentido mais amplo, mas não no sentido da Educação e essa movimentação de pesquisar a Educação da cidade, ela toma corpo com a criação do Centro de Memória. E também sobre estar nas escola e em outros espaços que não só escolares, mas trabalhando a formação, é um investimento, digamos, até na alfabetização patrimonial mesmo, não há essa preocupação, não há consciência do pesquisar, do guardar, da memória, do patrimônio, em especial da Educação, então esse trabalho de formação com as escolas e com outras pessoas também, que não são da área da Educação, como no curso, ele traz a escola e a educação como foco, traz a pesquisa e o lugar de memória e o patrimônio. então é uma forma de chamar a atenção das pessoas, chamar a atenção para esse olhar sobre a Educação, sobre a importância de preservar o patrimônio da Educação, a importância de pesquisar a história da educação e das escolas. O Centro de Memória acaba sendo também um

projeto pioneiro, no rio, na capital, tem centros culturais pra tudo quanto é área tem projetos pra tudo quanto é área, mas apesar de ter centros de memória, mas são espaços só de guarda, não há um projeto como tem aqui em Caxias, de cuidar da Educação, de investir na formação, de investir na pesquisa, de botar pra fora a importância da pesquisa da História da Educação.

Márcia Spadetti: Nosso curso, por exemplo, desde 2009, que a gente sempre tenta junto a Secretaria Municipal de Educação, o abono de ponto, isso também facilita que o professor da escola pública, ele possa participar do curso, então a gente sempre teve a liberação do ponto no município, do estado a gente tem às vezes, algumas dificuldades, a não ser 2018 que a Secretaria Municipal negou, mas tirando 2018, nós sempre tivemos a liberação de ponto, então isso propicia que os professores também participem e tragam as memórias e histórias das suas escolas, porque o foco do curso é isso, como já foi falado, a gente já teve vários seminários onde os alunos apresentaram pesquisas sobre escolas de Duque de Caxias, não apenas de duque de caxias, mas um grande número. a gente tá produzindo um artigo que vai sair agora no congresso do HISTEDBR, que vai ser em agosto, na semana do dia 22, fazendo um balanço sobre o curso e a gente tá falando um pouquinho sobre esses seminários, essas pesquisas que foram apresentadas, nós temos um postal, que é um projeto do Centro também, que é a memória em postais.

Márcia Montillo: “Memórias em Cartão, Educação em Duque de Caxias”.

Márcia Spadetti: E a gente teve uma publicação de seis cursistas que apresentaram no curso e a gente tem a publicação das pesquisas também.

Renata Spadetti: Então o Centro chega na escola de várias formas, quando esses professores fazem o curso, trazem a pesquisa sobre suas escolas, quando a gente consegue instituir o núcleo, quando a gente consegue grupos de professores para as visitas, quando a gente faz o trabalho com os alunos de 4º e 5º ano, no

Rememorar. Então são diversos projetos que o foco é a Escola, desde o começo, desde que o Centro é instituído, essa é a preocupação primária dele.

Marcia Spadetti: E a gente tem tentado se instituir enquanto uma escola de educação patrimonial.

Márcia Montillo: Esses projetos todos, eles tem um objetivo, porque o Centro se propõe como uma escola de educação patrimonial e essas são as ações pra isso. e o fomento a pesquisa, ele se dá de diversas formas, você falou do Palimpsesto, mas no caso do palimpsesto, a gente leva algo pronto para as pessoas conhecerem, em termos de levar o fomento a pesquisa, os que vão a frente são o curso, através do seminário e principalmente os núcleos de memória. O núcleo de memória e o curso, eles são os projetos “chefe” do Centro, porque eles são na verdade, os de fomento à pesquisa e que vai fazer o levantamento da pesquisa da educação local e através da pesquisa das escolas, a gente vai traçando, juntando a colcha de retalhos de como se deu a educação aqui em Caxias e como ainda se dá. O diferencial desse projeto é que nós não levamos pronto, a proposta principal do núcleo de memória é que a comunidade escolar seja a pesquisadora da sua própria história, com a nossa ajuda. A gente entrega nas escolas uma ementa, do que é o núcleo, sinteticamente falando, quais os objetivos dele, mais ou menos a metodologia que a gente usa, quais as estratégias, mas assim, grosso modo, o que é o núcleo? A gente convida a escola para ser a pesquisadora da sua própria história sua história de fundação, sujeitos envolvidos, o que motivou a criação da escola, como se deu esse processo, quem estava envolvido nesse processo, quais os marcos, conquistas e dificuldades da escola, enfim, e a própria escola vai traçando e vai se vendo quais as prioridades de pesquisa que a comunidade escolar entende.

Pesquisadora: Quando você fala escola, você inclui quais sujeitos? É a escola como um todo, ou só os professores?

Márcia Montillo: Nós convidamos a escola, nós convidamos no geral e algumas escolas nos procuram, com essas que nos procuram nós fazemos algumas específicas que a gente propõe, então qual a metodologia que a gente usa? A gente conversa primeiro com a equipe pedagógica e administrativa, oferece a proposta do núcleo e ouve também da equipe que está representando a escola o que eles esperam e o que eles pretendem, porque às vezes a motivação é o aniversário da escola, geralmente é quando vai fazer 25 anos, 50 anos, né?! Eles entendem isso como um marco importante para comemorar e nos procuram. A gente fala da proposta do núcleo, geralmente eles nos procuram motivados pelo aniversário e quando ouvem o núcleo, querem porque é algo maior, a gente marca um grupo de estudos com os profissionais da escola, professores, funcionários, representantes da comunidade que são mais ativos na escola, quando tem alunos adultos também pra participar, a gente marca um grupo de estudos, a gente trata a questão teórica e também metodológica, a gente discute um pouco a questão da memória, questão de patrimônio, memória em disputa, documento em disputa, patrimônio em disputa. Em um segundo momento do grupo de estudos, a gente traça coletivamente as ações, a gente leva algumas experiências que as escolas fizeram, e traça coletivamente: e essa determinada escola, qual vai ser o caminho? O que a gente vai priorizar como importante pesquisar? Que estratégias e ações a gente vai utilizar? E a distribuição do trabalho, como vai se dar aqui? Isso vai depender de cada escola, como vai ser nessa escola? Vai dar pra fazer todo mundo? Cada um dentro do seu próprio planejamento, dentro da própria turma com seus alunos? Ou não. Só tem determinadas pessoas que estão disponíveis ou estão dispostas, aí faz grupos de trabalho?! ou vai ser via sala de leitura? Ou vai ser com um único professor que tá disposto? Enfim, cada um é uma realidade. Ou com os alunos do grêmio, ou alunos mais velhos, quando se trata de EJA, esses alunos fazem parte também.

Márcia Spadetti: Só queria completar que a nossa perspectiva é trazer aquelas histórias que nem sempre estão marcadas no oficial, então por exemplo, com esse trabalho que a gente fez lá no bom retiro, a gente descobriu a importância da merendeira na escola.

Pesquisadora: O trabalho na E.M Bom Retiro também foi realizado dessa maneira?

Márcia Montillo: Foi realizado através do grupo de estudos, por isso até que naquela parte, a gente trata sobre memória em disputa, documento em disputa, justamente pra gente escavar essas memórias subterrâneas, porque quando a gente vai nos documentos oficiais, que eles têm e que nós encontramos, não encontramos isso, só encontramos lá na memória oficial registrados geralmente, ou a partir de quando a escola foi encampada pelo poder público ou só a visão da diretora que escreve geralmente lá nos relatórios só quem foram os dirigentes ou os prefeitos. E os anônimos que realmente se mobilizaram para que aquela escola fosse criada e funcionasse, não aparecem. Então é uma chance da gente trazer pra memória e pra história oficial, as que foram silenciadas durante muito tempo, as pessoas que ficaram trabalhando no anonimato e através do núcleo, não só do núcleo, através das pesquisas que a gente tá fazendo no Centro de memória, até porque essa é a filosofia do Centro, ele nasce de baixo, da reivindicação da categoria e a proposta da pesquisa dele é trazer a história dos de baixo, dos anônimos. A gente vai descobrindo que o grosso mesmo da história das escolas ninguém toca, por exemplo, como a Márcia falou, na Bom Retiro a gente começa fazendo a pesquisa através das rodas de memória e com a diretora e a gente pergunta “Dona Ulda, quem foi a pessoa que marcou na escola e que a senhora acha que valeria a pena entrevistar? Porque a gente sempre pergunta isso. Ela respondeu “Ah, a Dona Ilza, a merendeira, oi merendeira aqui 27 anos, era uma líder na comunidade, dona arilza sabia mais da escola até mais do que eu porque transitava em todos os seguimentos da escola”. E aí a gente vai entrevistar dona arilza e com ela a gente descobre que a escola quando foi criada tinha 112 alunos uma única servente duas professoras, o foco ficou em só ter uma servente para 112 alunos, quem é que sustentou a limpeza da escola, a leitura da merenda da escola durante longos anos? Um grupo de mães que foi criado por iniciativa da dona Alriza lá na comunidade por orientação da assistente social da Petrobras, esse grupo de mães é quem ficou cuidando da limpeza e da merenda por tantos

anos, que a dona Alriza nem lembrava quantos e ela ainda tinha na casa dela duas fotografias desse clube de mães. Isso não estava registrado nos documentos oficiais, outro caso é o da Vila Operária que nos procurou por conta dos 45 anos do aniversário da escola e pesquisando a gente descobre que a escola na verdade não tinha só 45 anos, tinha muito mais, porque eles só sabiam da história da escola a partir do momento em que ela é encampada pela prefeitura e vira escola municipal, mas pesquisando nas rodas de memória, por isso a história oral tão importante porque a gente vai ouvindo essas pessoas, a gente descobre que quem constrói aquela escola são os moradores da vila operária, estivadores, pedreiros, pessoas simples que assim como ocuparam aquele morro em sistema de mutirão, construíram as casas e tudo que eles tinham, precisavam de uma escola para os seus filhos, então construíram também uma escola. Conversando a gente descobre que esses moradores eram o “Centro Pró-Melhoramentos” e com a dona djanira, que era companheira do líder da comunidade, que ela tinha o caderninho de sócios desse “Centro Pró Melhoramentos”, você vai vendo os dados daquelas pessoas, pessoas simples que se mobilizaram para construir aquela escola e que não era contado e por aí a fora, a grande parte o que acontece é isso.

Márcia Spadetti: Porque na verdade uma coisa que a gente fala sempre, quase um mantra, é que nós não temos um arquivo público na cidade, pior ainda é que se não temos um arquivo publico para a história local não temos um arquivo público para a História da educação, que está em um lugar de menos prestígio ainda. Então quer dizer se você hoje está em uma escola e quer saber da sua escola municipal como ela surgiu não adianta você ir à SME, não adianta procurar site, porque eles não vão te indicar caminhos. E nem sempre a gente tem todos os caminhos, às vezes a gente tem alguns documentos, só que a gente se dispõe a escaVAR junto com a instituição essas histórias, porque a gente quer registrar, então tem muita coisa por descobrir na história da Educação, tem muitos caminhos a serem feitos.

Márcia Montillo: E a medida que a gente vai pesquisando a gente vai se surpreendendo, essas são as duas que eu lembrei agora mas a gente vai lembrando, todas passam por isso: sempre teve um grupo que ninguém nunca tocou

Renata Spadetti: Até hoje todas que a gente já conseguiu escavar, é esse o caminho, então é marcante isso em caxias, como a gente disse isso pra você no início, então não tem como desassociar, os eixos estão sempre muito presentes

Marcia Spadetti: E muito ligados, conforme a Márcia estava falando, eu fico pensando que está tudo muito ligado, a gente trabalha pesquisa ormação, arquivo, é tudo junto, não tem como separar! e a pesquisa, o arquivo que eu acho bom a gente marca, não é qualquer arquivo, a gente trabalha o arquivo escolar, a formação é voltada para a escola, para quem está na escola, ou para quem está estudando, quem é pedagogo, quem está na graduação, no ensino médio, enem, é para a escola, a pesquisa é sobre escola, então nosso foco sempre é a escola.

Renata Spadetti: A gente parte da escola e volta para a escola, ponto de partida e ponto de chegada no trabalho do Centro.

Márcia Montillo: E esse trabalho também com o núcleo, não só com o núcleo, com o curso, com as oficinas, enfim com tudo que a gente vai fazendo, a gente vai chamando atenção das pessoas para a questão das fontes, quando a gente começa a conversar, quando a gente faz esse grupo de estudos, quando a gente começa a conversar sobre documentos, sobre tudo ser um documento, sobre a importância e tal, as pessoas vão se dando conta das coisas que oram jogando ora e que eram importantes para contar a história da educação, ou mesmo a forma que está aquele arquivo daquela escola, que as pessoas não tem noção da importância do que está ali dentro. Então a escola acaba sendo sensibilizada para rever muitas práticas e por isso até que, voltando para a parte conceitual, a gente conversa sobre essas coisas. Às vezes a gente chega na escola e escuta “Ah não, a gente tem história, no PPP, a gente inclusive escreveu no PPP”. Quando vamos ver o que eles escreveram no PPP é algo que eles encontraram de algum histórico muito velho

que estava na escola e que algum diretor escreveu e você vai ver o que está lá. Essas coisas, essa memória silenciada, ela não está ali, muitas vezes só está ali quem foi o diretor, quem foi o prefeito que fez a obra, e quando a gente conversa sobre essas coisas, as pessoas já ficam atentas a questão da pesquisa, o que era mais importante e ficou de fora. Porque ela foi criada? Qual movimentação foi essa? E são movimentações importantes e difíceis, muitas indas e vindas. Mesma coisa na Tabuleiro²³, estamos fazendo agora, era um assentamento de agricultores, um movimento de ocupação de terras no meio da mata, com filhos, crianças que não tinham escola. Eles começam com uma pessoa que só tinha 8º série para dar aula para aquelas crianças e ali começa uma escola, eles começam reuniões periódicas para conseguir levar uma escola pública para lá, são indas e vindas daquela associação de agricultores e depois com a prefeitura para conseguir colocar uma escola lá dentro, então aí que a gente descobre que o primeiro professor de lá era leigo e só tinha até a 8º série, depois que ele foi fazer o normal. Então assim, são história de muito esforço, de muita mobilização das pessoas porque eles precisam de escola para os filhos deles e o poder público só depois, quando o prefeito coloca a “plaquinha”. Por isso você chega na escola e lá está criação da escola em 1969, mas ela era desde 1958.

Renata Spadetti: É uma história que coloca a Educação como central para a formação social, porque se a gente pensa: “Por que a Educação é assim?”, a gente está sempre levantando algumas questões, a Educação é sempre colocada em segundo plano, por que não se quer pensar Educação? por que qualquer projeto? por que pessoas que nem são professores pensam a Educação no âmbito governamental? Porque a Educação tem um papel central, né? Um papel político, um papel pedagógico, um papel formativo e a escola é essa representação. então pra gente pensar Educação como patrimônio é a maior contribuição que a gente pode dar para a escrita dessa história, dessa sociedade. Quando a gente mexeu nos documentos e viu lá a história da escola, do Anthon²⁴, era uma pessoa que veio de um outro país e que veio morar em Jardim Primavera e não tinha escola, as

²³ Escola Municipal Tabuleiro.

²⁴ Escola Municipal Anthon Dworsak.

peessoas não eram letradas, então ele começa a se envolver na Associação, começa a movimentar aquele espaço e consegue a partir da Associação montar uma escola, assim como a Márcia falou da Vila Operária, do Bom Retiro e de uma grande gama de escolas que vê na Educação o processo de emancipação mesmo. Então como a Educação é importante e é central, né? E como a gente, às vezes coloca ela em segundo plano.

Pesquisadora: Em um momento em que o poder público não tinha interesse de disponibilizar escolas para essas pessoas e elas mesmo sem estudo, elas tinham a noção da importância daquilo.

Márcia Montillo: Tinham! Tinham porque sabiam da necessidade, então ou era o que eles chamavam de “Centro Pró-Melhoramento”, ou às vezes era um grupo de moradores, como na Bom Retiro, que começou dentro de um clube. Eles contaram para a gente a briga que era porque eles estavam ocupando um espaço que era de lazer e eles depredaram a escola porque eles queriam aquele espaço. Então é dentro de centro espírita, dentro de igrejas, em barracões, bares, aqui a gente tem uma que era a escola do buraco, que ficava dentro de um buraco mesmo, tinha escola que dia era escola e de noite era bar, tinha outra que velava o corpo. então você vê que erra uma História de puxadinhos, sabe? E depois ela é dada como uma benesse, as pessoas vão lá e fazem, depois chega alguém, seja um prefeito ou um vereador, porque aparecem muitos vereadores nos históricos, como eu te falei, no PPP, então assim, fica dando protagonismo para uma única pessoa e geralmente pessoas que estão em uma posição de privilégios, em uma posição política. Quando você vai ouvindo as pessoas, você vai vendo que ele até poderia estar à frente, mas tinha um grupo ali, mas muitas vezes eles se beneficiavam da situação para levar no seu nome e aí fica como uma benesse de determinado político, que é o que a gente mais encontra. e voltando às ações que a gente traça, quais as ações possíveis para essa escola e através de quem vai ser? Então tem escolas que fazem grupos de trabalho: grupo de trabalho da EJA, grupo de trabalho da fundação da escola e grupo de trabalho da Educação especial e grupo de trabalho para o arquivo, tem escolas como a da Márcia, que no caso, a Márcia

foi convidada para vir para o Centro, a partir do trabalho que ela fez na Bom Retiro e do curso que ela fez com a gente e se sensibilizou para isso, lá na Bom Retiro, a Márcia fazia sozinha como sala de leitura porque a escola não queria, ela fazia desde as crianças do pré-escolar até o 5º ano e foi assim que a gente “pinçou” ela pro Centro. Tem escola que um único professor abraça com a sua turma, o sonho da átimo quando ela traz isso era que a escola toda, passasse pelo seu projeto anual, pelo seu PPP e através dos alunos fosse fazendo, mas cada realidade é uma realidade, a gente entende a dinâmica da escola que engole e isso vai dependendo muito, algumas a gente foca nas Rodas de Memória, outras fazem gincanas, enfim, a gente vai vendo como fica.

Pesquisadora: E a respeito da disciplina, vocês direcionam o núcleo para um professor de História ou é um projeto interdisciplinar?

Márcia Montillo: A proposta é ser interdisciplinar, mas como estou te falando, dependendo muito da realidade da escola e de quem vai abraçar, porque a gente não vai com a proposta para o professor de História, é para a escola, tem escola que o professor de História não está envolvido não.

Pesquisadora: É de se imaginar que um projeto sobre a História da escola tenha foco na disciplina de História.

Márcia Montillo: Não, não necessariamente, é um projeto para toda a escola, não só interdisciplinar, transdisciplinar, mas a questão é de quem vai se interessar. Indo além da escola, a proposta é que a comunidade esteja junto, até porque essa pesquisa não é da escola solta dentro da comunidade, mas ela inserida nessa comunidade.

Márcia Spadetti: É uma coisa que vai irradiando na escola, a gente ainda não conseguiu voltar o núcleo para o Instituto de Educação, temos a parte do instituto histórico mas a gente tenta mobilizar mais a escola e outro dia a gente estava saindo 17h00 da tarde de um dia de trabalho e a Tia Fátima, que é a pessoa que

fica na portaria, estava com um grupo de três alunos explicando aquele mural, entendeu? Então são coisas que fogem até da nossa jurisdição, porque ela tem muito amor pela escola, muitos anos na escola.

Renata Spadetti: É a vontade memória, vontade de marcar que aquele é um espaço representativo, a escola, todos nós passamos pela escola, ficamos mais de nove anos na escola, então ele tem uma memória afetiva, por que que a gente não cuida desse espaço? Não tem lógica. Então acho que todos os projetos que a gente desenvolve, nem sempre a gente consegue chegar no objetivo, mas o objetivo primário é desenvolver essa vontade de memória, essa vontade nas pessoas de pensar a Educação como patrimônio, de preservar esse espaço, de contar essa história, de entender que em toda formação social que a gente tem aqui em Duque de Caxias nesse processo de formação, pré-emancipação, depois da emancipação, a gente tem a escola como um espaço de movimentação dessa sociedade, a educação aqui ela sempre foi presente. Então trazer essa vontade nas pessoas que estão no interior da escola, pra gente não é tudo mas já é grande parte do trabalho, porque sem essa vontade o trabalho não rende, porque não é como as meninas falaram, a gente não trabalha de cima para baixo, é de baixo pra cima, é da procura, é do interesse. Então se a gente não consegue motivar as pessoas para que essa vontade de memória floresça, a gente não consegue as coisas continuem, que isso seja internalizado dentro do seu PPP, da sua atitude e do seu cotidiano. Quando a tia Fátima faz isso é quando atingimos um êxtase, porque é uma pessoa que a princípio não participa, por não ser uma professora de sala de aula, não estar ali dando uma disciplina, ela está em um processo de educação, formando, é claro, mas está ali na portaria, mas quando ela viu um grupo de alunos interessados, ela foi ali e explicou porque é algo que ela vivenciou com a gente, ela participa do nosso cotidiano, então pra gente isso é tudo.

Pesquisadora: Essa era uma das minhas questões para vocês, como enxergam o resultado desses trabalhos dentro da escola, se a comunidade começa a abraçar aquele espaço? Porque muitas vezes existe um distanciamento daquilo que é considerado do poder público.

Márcia Montillo: Sim, eu tinha até anotado isso, porque além dessa vontade de memória, a gente percebe também, e é um dos objetivos do núcleo, porque acaba mexendo com aquele sentimento de pertencimento, essa é a minha identidade, eu pertenço a esse espaço, eu faço parte da história dessa escola, estou vivendo e fazendo a história dessa escola, ela também pertence a mim. E isso acaba mexendo inclusive com o cuidar, com o cuidado com a escola. Tem escolas que a gente já ouviu, que acabou melhorando a questão do vandalismo na escola, isso porque eles se envolveram, a diferença é essa quando você leva algo pronto, o outro não está envolvido, não vai prestar atenção, mas quando ele está participando, ele está fazendo, pesquisando e se envolvendo. Ele faz parte e se reconhece também nas fotografias, isso foi melhorando o cuidado com a escola, por isso a gente propõe que leve para a comunidade, porque o problema maior as vezes, do não-reconhecimento e da não valorização da escola, está até em quem faz parte da comunidade, então extrapolando os muros da escola, para tentar mudar a relação das pessoas da comunidade com a escola. E outra coisa também é a seguinte, o foco é o processo, é o envolvimento todo, a Márcia lembrou bem quando trouxe a tia fátima, por isso até que a gente propõe que funcionários e membros da comunidade estejam presentes, porque é um projeto para a escola, para todos que ali estão e serão multiplicadores. Por exemplo, segunda-feira, na Santa Luzia²⁵, a gente teve oficina de conservação de acervo com eles, foi o segundo grupo de estudos, e aí o Seu Onildo, que é faz-tudo da escola, os outros funcionários não querem muito participar, mas o seu onildo, ele foi no primeiro, fica do começo até o final, deu ideias, depoimento e na oficina ele estava lá, higienizou documentos, cuidou dos documentos e ele disse assim “ É professora, muito importante, como a gente joga as coisas fora que a gente acha no chão.” Então quando eles estão, eles começam a perceber que são patrimônios que fazem parte da escola, não são apenas papéis velhos. Ele é uma das pessoas que se prontificou a cuidar do arquivo da escola, então quando a gente traz essas pessoas, para eles entenderem a importância, não sendo só o que limpa, tem suas contribuições, aí eles começam a ter um outro olhar e até chamar a atenção das

²⁵ Escola Municipal Santa Luzia.

crianças para a importância daquilo ali, então assim, muda a sua atitude e acrescenta no seu papel de educador, e é por isso que o processo para a gente é o mais importante, porque isso não se esgota, mas algumas culminâncias pontuais que vão sendo feitas, um espaço museal que é esse um dos objetivos finais do núcleo se tiver espaço físico para fazer e se não, que é a grande realidade das escolas que a gente tem aqui, que não tem nem sala de professor, não tem nada, nem um local para conversar com um aluno, nesse caso fazer ou uma prateleira, ou uma cristaleira, ou um banner, ou uma parede, um mural, enfim, algum local onde a gente possa colocar o produto dessa pesquisa que foi feita por eles para divulgar com o restante da comunidade e a proposta que a gente leva as outras que é o museu de rua que a Fátima trouxe pra gente que essa ideia ela pegou no Rio grande do sul, de uma instituição fez, de levar um museu de rua, a gente adaptou para a Educação e a gente leva essa proposta para as escolas. O que é o museu de rua? Não divulgar só na escola, levar para a comunidade, para o comércio local. No caso da Tabuleiro o objetivo é não levar só para o comércio local mas para dentro da própria Secretaria de Educação, para eles conhecerem a realidade daquela escola, enfim, esses espaços museais seriam a forma de divulgar essa pesquisa e também o cuidado com o arquivo, como eu falei, chamando a atenção para a importância do arquivo como fonte da história da instituição, um novo cuidado com esse arquivo. Vamos ajudando a escola nesse planejamento todo, vamos colocando ali o que a escola acha e como a gente pode ajudar nas estratégias que foram feitas, ou seja, fazer as rodas de memória juntos, fazer a gincana junto, dividir o que a gente aprendeu na oficina de tratamento com eles e orientá-los na reorganização e no tratamento do acervo deles para preservar e por aí a fora.

Márcia Spadetti: Eu quero trazer também a experiência do PPIP, que é uma disciplina do curso de formação de professores, que a professora Fátima David juntamente à professora Katia Villar, em um período fazem dessa disciplina, que é uma disciplina de prática, onde a pessoa faz o estágio, então elas atrelam a esse estágio a pesquisa da fundação da escola, então as primeiras pesquisas do Centro vão surgir desses estudantes do curso de formação de professores, do ensino

médio, que estão indo fazer na escola os seus estágios, vão lá e “catam” um pouco da história da fundação.

Márcia Montillo: A pesquisa do Aquino foi feita a partir desse trabalho deles

Pesquisadora: Sobre os documentos, vocês tem mais facilidade de encontrar aqui no centro de caxias?

Márcia Montillo: Não, os documentos a dificuldade a gente tem pra todas, mas é muito relativo dependendo da escola, como a márcia falou não tem um arquivo público. A gente encontrou um acervo.

Pesquisadora: Algumas escolas mais afastadas já fazem isso?

Márcia Montillo: Não, porque acontece o seguinte, algumas nós encontramos um acervo da subsecretaria de administração e gestão de pessoal, a gente vem trabalhando em cima desse arquivo desde 2010, ali a gente encontra pastas de todas as escolas, das mais antigas, encontramos documentos mais antigos, às vezes a escola tem uma coisa ou outra, e muitas vezes tem nada, até porque não sabiam da importância, as vezes diretores antigos jogaram fora, ou às vezes se perdeu como na bom retiro que teve acidente.

Pesquisadora: Até por uma questão de espaço também né como você disse, não tem onde guardar esses arquivos.

Márcia Montillo: Pois é, como lá na Bom Retiro que por causa de chuva perderam tudo, muito difícil encontrar, às vezes o que a gente encontra está na casa das pessoas, porque muitas vezes por não ter um espaço, sempre tem aquela pessoa que sempre fica preocupada, “o que vai acontecer com aqueles documentos?”. No intuito de guardar ela leva para casa, feliz quando isso acontece, porque senão fica lá se perdendo, tem

atas antigas de escolas que estão no arquivo da supervisão escolar que estão aqui na secretaria de educação, que elas estão simplesmente craqueladas, elas foram tão mal condicionadas com tempo, que elas estão todas em pedaços, algumas provavelmente é até difícil ler alguma coisa para reconstruir aquele documento, e eram atas de resultados finais, de escolas que eram extintas, escolas que ainda existem mas muito antigas. Mas é muito difícil da gente encontrar, porque não tem um arquivo público onde está guardado o que tem, por vários motivos, cada um lá tem seu motivo não está bem guardado, as escolas muitas vezes não tem condições de guardar direito também, porque fica lá “cafofo” onde fica a vassoura, equipamento velho, infiltração é ali estão os documentos antigos ou alguém jogou fora, porque pensa “Ah, já está mofado, vai fazer o que com ele?” e joga fora. E nesse processo todo foram se perdendo documentos históricos, que até muitas das vezes da fundação da escola, do início da escola, então é muito difícil, muitos dados a gente acaba mesmo recolhendo através de história oral, do relato das pessoas e aí a gente casa depois com documentos que a gente vai encontrando.

Márcia Spadetti: As pessoas vão trazendo também né, porque nas rodas a gente pede “o que você tem em casa?” foi aí que descobrimos ,por exemplo, da Vila Operária. Uma foto da construção da escola, das pessoas que construíram, fotos que não tinham na escola é que ninguém nunca tinha visto, então as pessoas vão trazendo também nesse sentido.

Márcia Montillo: Antes de entrar em outro assunto, quero falar sobre o “Rememorar para Crescer”. A Renata estava falando de ter uma pessoa fixa, mas não só uma pessoa fixa, cada atividade que a gente foi fazer com as crianças, eram 3 ou 4 pessoas, então assim parava parte da equipe que já era pequena para ficar, porque aí tinha o lanche a servir, o conduzir as pessoas pelo meio da rua o percurso eram 3 ou 4 é até mesmo 5 pessoas, é o fixo era para articular, a cada evento a maior parte da equipe tinha que estar aqui, o que acabou tornando inviável.

Pesquisadora: Essa não tem projeto com essa faixa etária?

Márcia Spadetti: Bom, era quarto e quinto ano.

Pesquisadora: Vocês falaram que sobre projetos até com EJA, nos grupos escolares.

Márcia Montillo: Não, o EJA no caso são os grupos de trabalho para pesquisar em tocar o Núcleo de Memória na escola, para fazer a pesquisa da escola, através de entrevistas.

Marcia Spadetti: Esse era focado em quarto e quinto ano, não era Núcleo de Memória, era um outro projeto com as escolas do entorno do museu vivo.

Marcia Spadetti: A gente não tem infraestrutura, na verdade se a gente pudesse, seria com todo mundo.

Marcia Montillo: A gente tinha projeto que nunca saiu do papel que era pra trabalhar com as crianças da Educação infantil. O objetivo era trabalhar a memória com os pequenos e trazer a partir do olhar deles, como eles viam a escola, eles iriam fotografar, filmar é fazer atividades de expressão artística através desse trabalho que íamos fazer de memória com eles, trabalharia história, vídeos infantis. Esse trabalho demandava fazer uma formação com os professores para que depois os professores iriam trabalhar com os alunos da educação infantil através desse trabalho, porém isso demandar do professor comprar uma filmadora uma ilha de edição, pois tudo seria feito junto com as crianças.

Marcia Spadetti: As escolas teriam que ter esses equipamentos nas salas de aulas.

Márcia Montillo: A ilha de edição até podia ser única nas escolas, mas equipamento as escolas teriam que ter.

Márcia Montillo: E aí nós demos entrada duas vezes no processo de solicitação e perdemos, porque demorou tanto tempo que “caducou”, tentamos de novo mas nunca saiu do papel. Acho que foi em 2012, uma chefe da equipe de Educação infantil se interessou e nós fizemos dezenas de encontros de formação com os professores, com os estimuladores e diretores equipes pedagógicas de todas escolas que atendiam educação infantil na rede, tanto creche quanto escola, foi ali que demos entrada novamente no segundo edital, mas foi ali que acabou, foi trabalho jogado fora, porque aí de novo edital “caducou”.

Marcia Spadetti: E agora vamos poder dizer que atingimos todas as faixa etárias, esse ano a gente vai fazer o núcleo com uma creche, de 1 a 3 anos, na Creche Parteira Odete.

Márcia Montillo: Vai ser um trabalho totalmente novo.

Marcia Spadetti: A gente nunca trabalhou com os tão pequenos.

Renata Spadetti: De fato porque o projeto “Criança que Rememora”, infelizmente a gente não conseguiu sair do papel, porque não teve apoio financeiro que era necessário para que ele se realizasse, então agora acho que de fato a gente consegue entrar nessas escolas que a gente trabalha. O Núcleo tem pessoa da Educação infantil, as crianças da educação infantil também se envolvem, mas agora especificamente a gente vai estar em uma creche, são escolas mais recentes e a gente está adequando também a nossa contribuição para esse momento, no que a gente pode estar, são muito trabalhos, são muitas frentes, coisas que a gente precisa articular. Nós somos seis, de fato seis pessoas na equipe que são diretores, são 3 apoiadores na parte de arquivo e administração, que são os funcionários

de contrato e nem sempre a gente tem essas seis pessoas no grupo, e na maioria das vezes a gente quase nunca tem os seis completos, porque uma está de licença ou a outra sai.

Márcia Montillio: Ou porque ficamos anos tentando trazer a quinta e a sexta pessoa.

Renata Spadetti: A gente não consegue trazer, a pessoa sai e vai viver outras realidades e aí a gente não consegue que outra venha é enfim, a gente tem essas dificuldades, são muitas frentes são muitas questões, que quando a gente pensa em memória é história da educação, mas eu queria trazer só para talvez ajudar.

Márcia Montillio: Renata desculpa eu te cortar, mas já que você falou da direção, nós somos seis diretores mas eu acho importante frisar essa questão do papel do diretor aqui no Centro porque o nome diretoria executiva ele simplesmente um nome pelo qual a gente é cedido para cá, nós somos professores e orientadores da rede, mas um proforma porque né um diretor do Centro de Memória ele não é um diretor como convencionalmente na escola que dirige a instituição, diretor no Centro de Memória é uma “formiga”, somos todos formigas, pesquisa, dá aula, cuida da parte administrativa, limpa sala, tira xerox fazemos de tudo é uma equipe pequena amplamente falando, são nove pessoas se dividindo para uma rede toda, fazendo tudo, não só administrando.

Renata Spadetti: queria falar também do “Colóquio” que é uma atividade, não é um projeto que a gente desenvolve para colocar as pesquisas que estão sendo desenvolvidas na história da educação, para trazer, porque as pesquisas estão sendo desenvolvidas dentro da universidade, fica na Universidade, as vezes temos um pouco de dificuldade das universidades de colocar para fora, por exemplo sai um artigo mas em uma revista especializada, que não atende, não, chega a essa grande massa, o que nem

sempre conseguimos, mas o “Colóquio” foi pensando para chegar nos professores pelo menos, nos professores que estão nas escolas, para trazer essas pesquisas de história na educação não só na Baixada mas na História da Educação que estão sendo desenvolvidas, a proposta realmente é divulgar pesquisas em educação é que de certa forma é na maioria das vezes tenha ligação com Duque de Caxias ou com estado do Rio de Janeiro. Então elas atrelam a esse estágio a pesquisa da formação da escola, então as primeiras pesquisas do Centro vão surgir desses estudantes do curso de formação de professores, do ensino médio que estão indo nas escolas fazer seus estágios é trazem também um pouco da história da fundação é aí que vai se originar os painéis, como as ações do fazer da professora Fátima é o fazer do centro acabam se misturando muito é principalmente na atuação das escolas.

Márcia Spadetti: A Márcia queria que falássemos também do projeto “Rememorar para Crescer”, ele foi projeto que durou pouco tempo cerca de dois anos. O Rememorar era uma pesquisa com as escolas aqui do entorno mesmo do museu vivo, o objetivo era a Educação patrimonial era esse sentimento de pertencimento é estimular essa vontade de memória, então ele era direcionado para o quarto e quinto anos de escolaridade, então nós pegamos esses alunos e trazíamos eles até aqui por um percurso, onde fazia um trabalho de contação de histórias de arte com tecido ou com material, sobre as histórias que eles tinham da escola as memórias. Durante o percurso a gente vinha conversando porque tinham muitos moradores, e até porque as crianças eram moradoras, então elas iam dizendo onde elas moravam, iam contando histórias da realidade é essa memória que eles tinham por estarem morando aqui no espaço, como o museu²⁶ aqui que abarca várias temporalidades, a gente tentava fazer um ligação, dizendo aqui já foi uma fazenda, tentando trazer essa memória essa história local tentando atrelar com a escola é com educação. Só que esse projeto demandava de uma pessoa física para isso é a compra de matérias é também alimentação, pois era uma tarde inteira e demandava também que elas tivessem algo para comer, aí acabou que foi

²⁶ Museu vivo do São Bento

inviabilizado porque nossa equipe é muito reduzida, anos depois a equipe se reduziu mais ainda é tivemos que cortar alguns projetos, acabamos tendo que cortar esse.



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de História-Graduação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "História Local em Sala de Aula: experiências na Baixada Fluminense." Neste estudo pretendemos entender qual o espaço da História Local em sala de aula.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o interesse na História da cidade de Duque de Caxias e nos projetos realizados pelo Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada fluminense. Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): Discussões Historiográficas e Entrevistas.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios da pesquisa são: aprofundamento na pesquisa sobre a temática e divulgação dos projetos que estão sendo desenvolvidos.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Marcia Montilio Rufino, portador (a) do documento de Identidade 08197666-4, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 20 19.



Assinatura do (a) participante



Assinatura do (a) pesquisador (a)

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: GABRIELA DE MELO LINAUS
ENDEREÇO: RUA ITAPEVA LOTE 15 QUADRA 318 – JD ANHANGÁ – DUQUE DE CAXIAS
RIO DE JANEIRO - CEP: 25264180
FONE: (21) 97007-3549 / E-MAIL: GABRIELALINAUS@GMAIL.COM



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de História-Graduação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: “História Local em Sala de Aula: experiências na Baixada Fluminense.” Neste estudo pretendemos entender qual o espaço da História Local em sala de aula.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o interesse na História da cidade de Duque de Caxias e nos projetos realizados pelo Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada fluminense. Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): Discussões Historiográficas e Entrevistas.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios da pesquisa são: aprofundamento na pesquisa sobre a temática e divulgação dos projetos que estão sendo desenvolvidos.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Maria Spadetti Sousa da Costa, portador (a) do documento de Identidade 105388391, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 2019.

Márcia Spadetti Juão da Costa

Assinatura do (a) participante

Gabriela de Melo Linaus

Assinatura do (a) pesquisador (a)

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: GABRIELA DE MELO LINAUS
ENDEREÇO: RUA ITAPEVA LOTE 15 QUADRA 318 – JD ANHANGÁ – DUQUE DE CAXI
RIO DE JANEIRO - CEP: 25264180
FONE: (21) 97007-3549 / E-MAIL: GABRIELALINAUS@GMAIL.COM



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de História-Graduação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "História Local em Sala de Aula: experiências na Baixada Fluminense." Neste estudo pretendemos entender qual o espaço da História Local em sala de aula.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o interesse na História da cidade de Duque de Caxias e nos projetos realizados pelo Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada fluminense. Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): Discussões Historiográficas e Entrevistas.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios da pesquisa são: aprofundamento na pesquisa sobre a temática e divulgação dos projetos que estão sendo desenvolvidos.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, RENATA SPADETTI TUÃO, portador (a) do documento de Identidade 118342096, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, 18 de Julho de 2019.

Renata Spadetti Suão

Assinatura do (a) participante

Gabriela de Melo Linaus

Assinatura do (a) pesquisador (a)

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: GABRIELA DE MELO LINAUS
ENDEREÇO: RUA ITAPEVA LOTE 15 QUADRA 318 – JD ANHANGÁ – DUQUE DE CAXIAS
RIO DE JANEIRO - CEP: 25264180
FONE: (21) 97007-3549 / E-MAIL: GABRIELALINAUS@GMAIL.COM